

As Obras de Kardec e o Santo Ofício

09 de outubro de 1861!

Auto-de-Fé, de Barcelona

Rogério Gonçalves
Campinas/SP

Na aurora do dia 9 de outubro de 1861, na cidade de Barcelona, Espanha, o povo afluía para ver queimar, em praça pública, num auto-de-fé, as obras Espíritas condenadas pela Igreja.

Os barcelonenses presentes se dividiam nas opiniões! Alguns demonstravam estupefação, outros zombarias pronunciando palavras chistosas e ditos mordazes, mas, a maioria estava indignada!

10h30 quando a inquisitorial cerimônia se efetivou com todo protocolo e ritualística da Inquisição.

No mesmo local onde, no passado, queimavam-se os “hereges” silenciosa pilha de livros fora edificada, contando as seguintes obras francesas: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O que é o Espiritismo*, todas de Allan Kardec; coleções da *Revue Spirite*, dirigida e editada por Allan Kardec, e da *Revue Spiritualiste*, redigida por Piérart; *Fragmento de sonata*, ditado pelo Espírito de Mo-

zart ao médium Sr. Bryon-Dorgeval; *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo Dr. Grand, antigo vice-cônsul de França; *História de Joana d’Arc*, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, de 14 anos de idade; e, por fim, *A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta*, do barão de Guldenstubbé.

Um padre envergando trajes sacerdotais presidiu o espetáculo fanático, tendo em uma das mãos uma cruz e na outra uma tocha. Além de um notário, encarregado de redigir a ata do auto-de-fé; o ajudante do notário; um funcionário superior da administração aduaneira; três serventes da Portagem, encarregados de atizar o fogo e um agente da Alfândega, representando o proprietário das publicações que o bispo condenara ao “batismo do fogo”. Lançaram, então, na ardente pira, os trezentos volumes Espíritas que Allan Kardec havia enviado ao famoso escritor e editor francês Maurice Lachâtre, responsável pela autoria dos livros: *História dos Pa-*

pas (10 tomos) e da *História da Inquisição*, além de ser proprietário de uma livraria.

Lachâtre era profundo admirador de Allan Kardec, e a cujos ideais se unira, solicitando, assim, certa quantidade de obras espíritas para divulgação. A Doutrina Espírita, tal como ressalta das obras de Allan Kardec - declara Lachâtre- “encerra em si os elementos de uma transformação geral das idéias, e a transformação nas idéias conduz forçosamente à da sociedade. Assim considerando, ela merece a atenção de todos os homens progressistas. Já se estendendo a sua influência a todos os países civilizados, ela dá à personalidade do seu fundador¹ uma importância considerável e tudo faz prever que, em futuro talvez próximo, ele será consagrado como um dos reformadores do século XIX”.

Kardec tomou o cuidado de cumprir todas as exigências e taxas legais indispensáveis. As duas caixas de livros, enviadas por ele à Espanha, foram inspecionadas pela Alfândega ▶



Gravura da época representando a queima de livros e periódicos espíritas.

cobrando-se do destinatário os direitos alfandegários de praxe.

A autorização para liberação das obras estava prestes a ser executada quando uma ordem superior a sustou com o argumento de que precisaria do consentimento do bispo de Barcelona, Dom Antonio Palau y Termens.

O bispo, ausente que estava da cidade, ao chegar tomou de um exemplar de cada obra para “análise”. Sua conclusão foi de que eram livros imorais e precisavam ser queimados. Desrespeitando, com isso, as leis do país que poderiam, no máximo, proibir a circulação dos volumes, mas nunca destruí-los.

Allan Kardec poderia ter agido por via diplomática solicitando ao governo espanhol a devolução das obras, todavia, foi orientado pelos Espíritos superiores a não se envolver nessa questão, pois, que desse ato

de ignomínia sairia um bem para a propagação do Espiritismo.

Quando o fogo terminou de consumir os livros e o padre, com seus assistentes, se retirava, o povo os envolveu com gritos de protesto:

- Abaixo a Inquisição!

Muitas pessoas recolhiam das cinzas algumas folhas que não foram destruídas com objetivo de conservá-las como testemunho da violência clerical; entre os que estavam presentes, um certo capitão Lagier bradou:

- Eu vos trarei, na próxima viagem de Marselha, todos os livros que quiserdes.

Dessa forma, muitas obras de Kardec entraram na Espanha.

Vários jornais se pronunciaram contra o Auto-de-fé de Barcelona como sendo um ato bárbaro de cego fanatismo religioso, incompatível com o século XIX.

Com isso, houve grande propagação das idéias Espíritas na Espanha e no mundo. A atenção de muitas pessoas que nunca haviam ouvido falar em Espiritismo convergiu para o assunto, principalmente pelo tratamento que a igreja dispensou às obras. “Que podiam, pois, conter esses livros, dignos da fogueira?”, era o que se perguntavam os curiosos, voltando seu interesse para as obras da Codificação, fazendo com que o Espiritismo se propagasse.

Os Espíritos superiores estavam com a razão, foi uma grande propaganda, gratuita, em favor da Doutrina Espírita!

Esse ato fez com que Kardec proclamasse:

*“Espíritas de todos os países!
Não vos esqueçais desta data de
09 de outubro de 1861;
ela será marcada nos fatos do
Espiritismo; que ela seja para vós
um dia de festa e não de luto,
porque é a garantia do vosso
próximo triunfo!”²*



¹ Entenda-se codificador. Nota da revista Fidelidade **ESPÍRITA**.

² Decorridos nove meses, a 9 de julho de 1862, o bispo Dom Antonio Palau y Termens desencarnou, apresentando-se, dias depois e por via mediúnica, voluntária e inesperadamente à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, respondendo com antecedência a todas as perguntas que desejavam fazer-lhe e antes que fossem enunciadas. Afirmou permanecer sob o amparo do chefe espiritual da reunião e, esclarecido que estava acerca das realidades espirituais, arrependeu-se. Vide nota bibliográfica nr. 3 pág. 304.

Para saber mais consulte:

- 1) *Revista Espírita* de 1861 - Novembro IDE 1ª edição 1993. pág. 321 -325.
- 2) *Obras Póstumas* - Auto-de-fé de Barcelona Trad. J.H.Pires. pág. 228/231.
- 3) *Allan Kardec - Pesquisa Biobibliográfica e Ensaios de Interpretação* vol. II. pág. 293-311 Zeus Wantuil e Francisco Thiesen.